

Adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira: comparação entre Português Arcaico e Português Brasileiro

(Phonological adaptation of proper nouns of foreign origin: comparison between Archaic and Brazilian Portuguese)

Gladis Massini-Cagliari¹

¹Faculdade de Ciências e Letras (UNESP/Araraquara), CNPq

gladis@fclar.unesp.br

Abstract: This paper aims to discuss the phonological adaptation of proper nouns of foreign origin in two moments of the language temporal continuum: Archaic and Brazilian Portuguese.

Keywords: proper nouns; phonological identity; *Cantigas de Santa Maria*; phonology.

Resumo: Este trabalho discute a adaptação fonológica de nomes próprios (antropônimos) de origem estrangeira em dois momentos da língua: Português Arcaico e Português Brasileiro.

Palavras-chave: nomes próprios; identidade fonológica; *Cantigas de Santa Maria*; fonologia.

Introdução

Este trabalho discute a efetivação (ou não) da adaptação fonológica de nomes próprios (antropônimos) de origem estrangeira em dois momentos da língua: Português Arcaico¹ (de agora em diante, PA; século XIII) e Português Brasileiro (doravante, PB; século XXI). A convivência de empréstimos recentes e de palavras “da língua” tem sido sempre um desafio à definição de “identidade”, uma vez que as palavras emprestadas se configuram como “corpos estranhos”, “alienígenas” ao conjunto supostamente homogêneo da *língua*.

Segundo Trask (2004, p. 164), a relação entre língua e identidade se dá através do “papel que tem a língua no sentido de conferir ao indivíduo uma identidade e de incluí-lo num grupo”. O autor relaciona as marcas linguísticas de identidade com o fato de que “toda vez que alguém fala, dá às outras pessoas informações importantes sobre o tipo de pessoa que é, sua procedência, a classe social à qual pertence, e até mesmo seu sexo e sua idade” (TRASK, 2004, p. 164). Nesse sentido, a identidade linguística está relacionada, ao mesmo tempo, à individualidade do falante e à sua inserção nos grupos étnico, nacional e social a que julga pertencer. Pode-se dizer que a identificação de um falante com os membros de sua comunidade linguística é a base de sua identidade, nesse nível. Segundo

¹ Optou-se pelo rótulo “Português Arcaico” em detrimento de “galego-português” porque o objetivo do Projeto que originou esta pesquisa, pelo menos a longo prazo, é estabelecer o percurso de possíveis mudanças fonológicas no português (e não no galego). Vale lembrar, porém, que, na época trovadoresca, essas duas línguas não se diferenciavam (ou pouco se diferenciavam) - o aspecto mais importante é que essas variedades (?) eram *reconhecidas* pelos falantes da época como sendo a “mesma” língua. A este respeito, Gladstone Chaves de Melo (1967, p. 114) afirma: “o que até o século XII era a mesma língua já são duas línguas diferentes no século XVI, dois codialeto, o português e o galego”.

Orlandi (1990), na perspectiva do discurso, a construção da identidade se dá a partir de um processo de identificação do sujeito em relação a si mesmo e ao grupo a que pertence. A partir dessa identificação, é possível perceber que o falante adota ou deixa de adotar certos padrões para marcar uma atitude de inclusão/exclusão, com relação a uma comunidade linguística específica. Avançando nessa perspectiva, do ponto de vista fonológico, pode-se dizer que essa identificação se manifesta através da forma como o falante pronuncia as palavras consciente ou inconscientemente de forma mais ou menos semelhante aos membros de sua comunidade.

Com relação à questão da identidade linguística no nível fonológico do português, quer se trate do PA, quer do PB, uma questão que merece destaque, porque lida com uma situação “limite” no que diz respeito à adaptação fonológica de empréstimos/estrangerismos, é a adaptação de nomes próprios de origem estrangeira.

Diversos estudos anteriores (entre eles, M. FREITAS, 1992; T. FREITAS; RAMILO; SOALHEIRO, 2003; M. FREITAS; NEIVA, 2006; ASSIS, 2007) têm mostrado que a realização fonética dos nomes comuns de origem estrangeira é sensível à aplicação de processos fonológicos próprios do Português atual, quando estes são pronunciados em contexto de “português”. No entanto, em contraste com os nomes comuns, antropônimos (prenomes próprios) de origem estrangeira nem sempre se “enquadram” bem nos parâmetros da fonologia da língua. Muitas vezes, os falantes carregam para a sua língua traços da pronúncia original do nome, trazendo para o sistema desta língua características que não lhe são comuns, principalmente em termos prosódicos — padrões silábicos não comuns no português (*Wlamir*), posição não-*default* de acentuação (*Wáshington*), presença de sílabas em posição átona cuja estrutura não é comum nesse contexto (*Kléiton*), etc. Outras vezes, as marcas de “estrangerismo” restringem-se à grafia, que acaba por corresponder a uma pronúncia vernácula (exemplos: *Christiany*, *Josielly*, *Edwardo*, *Karla*, etc.).

Por outro lado, não têm aparecido, na literatura específica da área, estudos a respeito da realização fonética dos nomes próprios de origem estrangeira em épocas passadas da língua. Com relação ao período arcaico, o estudo das *Cantigas de Santa Maria* é particularmente revelador a esse respeito, uma vez que as 420 cantigas religiosas compostas a mando de Afonso X (1221-1284) reúnem milagres coletados em diversas partes da Europa (e não apenas na Península Ibérica). Por esse motivo, nomes próprios de pessoas e localidades de diferentes origens estão presentes nos relatos das maravilhas de Santa Maria. Por serem textos metrificados, podem trazer pistas valiosas da realização fonética desses nomes, principalmente a partir da observação da divisão dos versos em sílabas poéticas e da rima. Nesse sentido, podem ser mapeados os contextos que desencadeiam adaptações fonológicas e os que não desencadeiam – o que mostra quais contextos fonéticos eram considerados “problemáticos” (no sentido de não “encaixáveis” na fonologia do galego-português da época, tendo que ser, conseqüentemente, adaptados), e quais eram considerados “aceitáveis” (passando, portanto, ao contexto sonoro do PA, sem adaptações).

Adaptação de antropônimos estrangeiros no Português Brasileiro

Jamais cheguei [...] a me sentir à vontade com os nomes próprios brasileiros. Desafiam qualquer dicionário onomástico e só existem naquele país.

Umberto Eco (*O Pêndulo de Foucault*)

Uma das fontes disponíveis para uma língua ampliar seu estoque lexical é o empréstimo linguístico (SANDMANN, 1992). Diversos trabalhos (já anteriormente citados) têm mostrado, no entanto, que as palavras importadas não permanecem “estrangeiras” por muito tempo, do ponto de vista de sua pronúncia. Carvalho (2009, p. 55) mostra que “o empréstimo não se constitui uma criação linguística no sentido real do termo, mas a novidade do falante. Ele apenas acomodou ou adaptou ao seu sistema um elemento de um sistema diverso”.

Para Freitas, Ramilo e Soalheiro (2003, p. 1), a integração de estrangeirismos ao léxico do português (europeu, no caso) – portanto, a passagem de um estrangeirismo a empréstimo – “se processa por fases”, e “a cada fase corresponde um determinado conjunto de fenômenos fonológicos, morfológicos, semânticos e gráficos específicos”, até o estágio em que os falantes nativos já não são mais capazes de diferenciar as palavras de origem estrangeira das demais palavras do léxico. É, por exemplo, o que ocorre com a palavra *futebol*, um dos esportes-símbolo do Brasil, que tem origem no termo inglês *football*.

Assis (2007, p. 25) propõe que,

por terem uma pronúncia em tudo condizente com o sistema fonológico do PB, as palavras estrangeiras graficamente não-naturalizadas, ainda que com suas grafias estranhas ao sistema do português, já podem ser classificadas como portuguesas do ponto de vista fonológico, porque já perderam as características da língua de partida e incorporaram as regras fonológicas da língua de chegada.

Vários são os processos fonológicos que atuam no sentido de transformar uma palavra “estrangeira” em “brasileira” (ou, “portuguesa”, do ponto de vista da origem da língua). Por exemplo, ao pronunciar palavras inglesas, os falantes de PB se rendem a processos de ressilabação, reestruturando a organização das sílabas dessas palavras de acordo com o seu sistema fonético-fonológico, e aplicam às formas alienígenas processos fonológicos típicos do PB, o que torna o resultado da pronúncia “brasileira” dessas palavras bem diferente da estrutura silábica e segmental da língua de partida. Um exemplo é a pronúncia brasileira da palavra “*outdoor*”: *au – tchi – dór*, em que há deslocamento na posição original do acento e ocorre palatalização da consoante /t/ diante da vogal epentética /i/, introduzida para “resolver” a estrutura anômala da sílaba *out*, já que o PB proíbe categoricamente a presença de oclusivas na posição de travamento silábico.

No entanto, em contraste com os nomes comuns, antropônimos (prenomes próprios) de origem estrangeira nem sempre se “enquadram” bem nos parâmetros da fonologia do PB. Muitas vezes, os falantes carregam para o PB traços da pronúncia original do nome, trazendo para o sistema desta língua características que não lhe são comuns. Neste sentido, o estudo da pronúncia de nomes próprios de origem estrangeira usados no Brasil pode trazer importantes contribuições para a determinação da identidade fonológica do PB,

por constituir-se em um caso em que os limites entre o que é e o que não é português são explorados pelos seus próprios falantes nativos.

Segundo Carvalho (2009, p. 68-69):

em nenhum país lusófono há uma adoção indiscriminada de nomes próprios em inglês como no Brasil, sobretudo nos baixos estratos sociais. João, Manuel, Maria, Severina, Francisco vão sendo substituídos por Magaiver, Kelly, Marilyn, Kennedy, Tyronne, Daiane e muitos outros, mais estranhos, que constam da lista de chamada das escolas públicas. Parece que a escolha é baseada na paráfrase “quanto mais estranho, melhor”.

Os falantes de PB têm muita liberdade no que concerne à escolha dos nomes próprios de seus filhos. Segundo Calaça (2001, p. 31), “na legislação brasileira, só há dois impedimentos na escolha de prenomes: serem ridículos² ou imorais,³ não sendo proibido ao pai registrar seu filho com a ortografia que lhe pareça mais conveniente”.⁴

Em trabalhos anteriores (MASSINI-CAGLIARI, 2009a, 2009b), mostramos que a questão ortográfica tem estado no centro da discussão, com relação à adaptação de estrangeirismos. De fato, inclusive com relação ao nível fonológico, a forma ortográfica adotada pode ser um índice da adaptação de nomes estrangeiros, inclusive no caso de nomes próprios. Muitas vezes, o caráter “estranho” atribuído aos falantes de PB a alguns nomes reside apenas na ortografia, uma vez que se trata de nomes já bastante utilizados em solo brasileiro. Nesse caso, podemos citar nomes como os do exemplo (1):

- (1) *Deborah*
Christina
Thais
Maryanna
Wanya
Michelly

Outros nomes, não tão comuns em termos de uso, podem ser considerados dentro desse mesmo grupo, uma vez que não apresentam padrões estranhos ao PB, em termos de fonologia – cf. (2):

- (2) *Anniely*
Yuri

² Não está claro na legislação o que é considerado um nome “ridículo”. Refere-se provavelmente a nomes como os citados por Obata (1986, p. 9-10), que, no entanto, acabaram sendo registrados: Abecê Nogueira, Antônio Morrendo das Dores, Bemvindo o Dia do Meu Nascimento Cardoso, Barrigudinha Seleida, Comigo é Nove da Garrucha Trouxada, Dezecêncio Feverêncio Delegas, Esparadrupo Clemente de Sá, Jacinto Dores Peta, Mar Índico Vivo, Oceano Atlântico Linhares, etc.

³ Neste caso, entraria o exemplo citado por Obata (1986, p. 10) de pais que, por serem fãs apaixonados das atrizes Ava Gardner e Gina Lollobrigida, tencionavam batizar a sua filha com o nome de Ava Gina.

⁴ Ao contrário, em Portugal, Castro (2003, p. 15) afirma que, no caso da atribuição do nome próprio, “o peso da norma faz-se sentir gravemente”, uma vez que “para que qualquer indivíduo adquira e usufrua do seu próprio nome é necessário que o Estado explicita, por meio de um processo de registro civil, a sua anuência não só com o nome escolhido, mas também com a forma como nome é grafado e pronunciado”. Com relação à sua origem, os nomes próprios devem ser portugueses, constantes da “onomástica nacional”, representada no catálogo oficial de nomes próprios. Apenas aos estrangeiros admite-se a escolha de nomes não-portugueses (CASTRO, 2003, p. 16-17).

Prenomes próprios de origem estrangeira podem se apresentar adaptados à ortografia do português, como em (3):

- (3) *Rérisson* (de *Harryson*)
Taison (de *Tyson*)
Magaiver (de *MacGyver*)
Deyvith (de *David*)

Em alguns casos, a adoção de uma ortografia brasileira revela o processo de adaptação fonológica pelo qual o nome teria passado e fatos interessantes da fonologia do PB. É o caso dos exemplos abaixo:

- (4) *Uósto* (de *Washington*)
Diovani (de *Giovanni*)

Nos antropônimos em (4), a ortografia adotada revela fatos relevantes da relação entre letras e sons, no dialeto do escrevente. Com relação a *Uósto*, trata-se de uma adaptação do nome inglês *Washington*, encontrada em uma propaganda eleitoral da cidade do Rio de Janeiro. Ora, como nessa região ocorre a palatalização das fricativas na posição de coda, a adoção da grafia *Uósto* revela o alto grau de adaptação fonológica dessa forma específica, uma vez que esse fato não precisou de qualquer notação especial, sendo representado através dos padrões ortográficos do PB contemporâneo. No caso de *Diovani*, a forma gráfica adotada revela que a variedade do falante apresenta o processo comum em algumas variedades do PB de palatalização de /d/ diante de [i], uma vez que a letra <d> foi utilizada para representar o som de [dʒ].

No entanto, como aqui já apontado, há alguns prenomes próprios de origem estrangeira de uso razoavelmente comum nos dias de hoje que acabam por não se acomodar aos parâmetros da fonologia do PB, em contraste com o que ocorre com os nomes comuns. Muitas vezes, os falantes carregam para o PB traços da pronúncia original do nome, trazendo para o sistema desta língua características que não lhe são comuns, principalmente em termos prosódicos.

Exemplos de nomes que contêm padrões silábicos não comuns no português estão apresentados em (5):

- (5) *Wlamir*
Vladimir

Apesar de relativamente comuns hoje em dia, os prenomes acima, cuja primeira sílaba apresenta a sequência /vl/, apresentam uma irregularidade em termos fonológicos, já que este cluster consonantal costuma estar presente no PB apenas em nomes próprios emprestados de outras línguas, ou seja, essa sequência não existe em nomes comuns, vernáculos, nem em verbos ou outros itens lexicais, que passaram pelas evoluções fonético-fonológicas do latim ao PB atual.

Outros exemplos de padrões silábicos irregulares, que não são necessariamente devidos ao uso não-padrão de <w> na ortografia do PB, estão em (6):

- (6) Zwinglio
William/Willians
Washington
Wellington

Os exemplos acima trazem na posição silábica pré-nuclear a semivogal /w/, que ocorre nessa posição em PB apenas após consoantes oclusivas velares /k, g/. A impossibilidade de a semivogal posterior ocorrer após outras consoantes ou iniciando palavra e a impossibilidade de ocorrência de ditongos crescentes iniciados pela semivogal anterior fez com que Bisol (1989, p. 217) propusesse que, na verdade, em palavras como *qual* (/kwal/) e *água* (/a'gwa/), em PB, não há, na forma fonológica de base, uma oclusiva velar seguida de ditongo crescente, mas uma consoante complexa labializada /k^w, g^w/ seguida de vogal simples. Independentemente de qual seja a estrutura profunda dessa sequência, por não ocorrer após uma consoante velar nos nomes em (6), a semivogal encontra-se em uma posição irregular, do ponto de vista da fonologia do PB.

Padrões silábicos irregulares no PB também podem ser encontrados em (7), em que aparecem nomes que trazem oclusivas originalmente em posição de coda.

- (7) *Edson*
Klebson

Nesses casos, a resolução da estrutura anômala costuma acontecer, na pronúncia, a partir do deslocamento da oclusiva da posição de coda para o ataque silábico e da inserção de uma vogal epentética nuclear: *E.d(i).son*; *Kle.b(i).son*.

No entanto, a principal irregularidade em relação à ocorrência de nomes estrangeiros (ou supostamente estrangeiros) com relação aos parâmetros da fonologia do PB diz respeito à ocorrência do acento. O padrão *default* de acentuação do PB corresponde a paroxítonas terminadas em sílaba leve (*cása, máto, léite*) ou oxítonas terminadas em sílaba pesada, isto é, sílabas travadas por róticas, laterais, fricativas, nasais (realizadas foneticamente como sílabas abertas com vogais nasalizadas) (*pomár, papél, rapáz, jardím*). Ocorrem também, minoritariamente, padrões excepcionais como oxítonas terminadas em sílabas abertas (*café, sofá, urubú*), proparoxítonas (*árvore, fonética, lâmpada*) e paroxítonas terminadas em sílaba pesada (*âmbar, túnel, jovem*).⁵

Com relação aos nomes próprios importados do inglês, a acentuação em posição não-padrão é muito mais comum do que a acentuação *default*, sendo muito comuns nomes proparoxítonos, como os apresentados em (8):⁶

- (8) Washington
Anderson
Robinson/Robson
Jeferson
Emerson
Wellington/Welinton/Uélinto
Cristian
Vagner/Wagner ['va.gi.ner]

⁵ Sobre o padrão acentual do PB, veja-se Massini-Cagliari (1999) e referências aí citadas.

⁶ As sílabas acentuadas vêm sublinhadas.

Dotados de uma irregularidade prosódica semelhante à dos nomes em (8), encontram-se antropônimos paroxítonos terminados em sílaba travada – exemplos em (9):

- (9) *Kleiton*
Helen/Hellen
Karen
Nelson
Éder
Kléber
Sheron
Gladis

Em trabalhos anteriores (MASSINI-CAGLIARI, 2009a, 2009b), mostramos que, nesses casos, ocorre a presença de sílabas travadas em posição átona final de palavra (e na penúltima posição silábica, no caso das proparoxítonas), cuja estrutura não é comum, embora seja registrada marginalmente em PB nessa posição: sílabas travadas por róticas e contendo vogais nasalizadas (interpretadas fonologicamente como uma sequência de vogal oral e consoante nasal), ou — mais raramente — fricativas. De maneira geral, o que se comprova é que, com relação a esses nomes, há um predomínio de padrões marginais de acentuação (proparoxítonos e paroxítonos terminados em sílaba leve), quando se toma como referência a língua de chegada (o PB) e não a língua de origem.

A comprovação de que padrões prosódicos irregulares são, de forma consciente ou inconsciente, relacionados a “padrões estrangeiros” está no fato de que criações recentes de antropônimos, que soam “estrangeiros” sem o ser, apresentam padrões prosódicos irregularmente próximos aos padrões exemplificados em (8) e (9):

- (10) *Madson*
Keirrison
Kimarrison
Richarlyson
Jandison
Silgleison
Wender

Adaptação de antropônimos estrangeiros no Português Arcaico

Para a análise dos antropônimos no PA, foram utilizadas como corpus as 420 Cantigas de Santa Maria (de agora em diante, CSM), de Afonso X (1121-1284). Essa coleção compreende cantigas em louvor à Virgem Maria, com notação musical, mandadas compilar pelo Rei Sábio de Castela na segunda metade do século XIII, que sobreviveram em quatro códices: o de Toledo (To), o menor e o mais antigo; o códice rico de El Escorial (T), o mais rico em conteúdo artístico, que forma um conjunto (os chamados códices das histórias) com o manuscrito de Florença (F); e o mais completo, o códice dos músicos – El Escorial (E). A presente pesquisa teve acesso a edições fac-similadas dos manuscritos de Toledo (AFONSO X O SABIO, 2003) e Escorial (ANGLÉS, 1943) e a microfilmes dos códices Escorial rico e de Florença.

A utilização de um *corpus* poético, para pesquisas dessa natureza, é imprescindível, uma vez que, não tendo sobrevivido registros orais da língua naquele período temporal, deve-se buscar indícios dos sons por trás das letras a partir de textos que, de uma forma ou de outra, possam revelar pistas fonéticas tanto do nível segmental, como (principalmente) do nível prosódico (MASSINI-CAGLIARI, 2005).

Como já foi mostrado anteriormente, as CSM constituem um excelente material para pesquisas de natureza como a que aqui se propõe, por serem particularmente reveladoras do fenômeno focado por este artigo: em primeiro lugar porque, por conterem relatos milagrosos de diferentes origens, coletados em diversas localidades da Europa, colocam a necessidade textual de retratar locais e pessoas (referidas por seus nomes) de origem outra que não galego-portuguesa; em segundo lugar, porque se constituem de textos metrificados e rimados, que fornecem pistas da realização fonética desses nomes, a partir da observação da divisão dos versos em sílabas poéticas e da consonância da rima.

Os dados foram mapeados a partir do *Glossário* de Mettmann (1972), que reúne todas as palavras empregadas no conjunto das 420 CSM, incluindo antropônimos, topônimos e outros nomes próprios, além das demais entradas lexicais.

A partir desse *Glossário*, foram mapeados, para o presente trabalho, todos os antropônimos localizados. Na sua grande maioria, encontram-se adaptados aos padrões fonológicos do PA.⁷ A pesquisa focou, principalmente, os contextos que desencadeiam adaptações fonológicas e os que não desencadeiam – o que mostra quais contextos fonéticos eram considerados “problemáticos” (no sentido de não “encaixáveis” na fonologia do galego-português da época, tendo que ser, conseqüentemente, adaptados), e quais eram considerados “aceitáveis” (passando, portanto, ao contexto sonoro do PA, sem adaptações).

Entre os contextos que não desencadeavam alterações fonológicas, ou seja, nomes que foram interpretados como “já adaptados” à fonologia da língua da época, encontram-se os oxítonos terminados em sílaba travada por nasal – exemplos em (11):

- (11) *Aben Mafon*
Abirron
Abran
Aragon
Merlin
Octavian
Reymon
Salomon

Também adaptados à fonologia do PA (seguindo o padrão do nome próprio do monarca português Dinis, por exemplo), encontram-se nomes oxítonos terminados em sílaba travada por fricativa:

- (12) a. *Bonifaz*
Fiiz
Tomás

⁷ Para um detalhamento dos padrões fonológicos da época, vejam-se Mattos e Silva (1989, 1991) e Massini-Cagliari (2005).

b. *Brutus*
Colistanus

Note-se que os nomes em (12b) não são, na sua origem latina, oxítonos, mas paroxítonos. A evidência, no entanto, de que eram, pelo menos no contexto da cantiga em que aparecem, realizados como oxítonos, está no fato de que aparecem em posição de rima, combinando perfeitamente com o monossílabo tônico *chus*.

- (13) Dun mercador que avia | per nome Colistanus,
que os levass' a Bretanna, | a que pobrou rei Brutus;
e entrou y tanta gente | que non cabian y chus,
de mui ricos mercadores | que levavan grand' aver.
O que a Santa Maria der algo ou prometer...

(CSM 35, 8ª estrofe, conforme a edição de Mettmann, 1986, p. 146)

Também se encontram plenamente adaptados à fonologia da época antropônimos estrangeiros oxítonos terminados em sílaba travada por rótica (exemplo 14) e nomes oxítonos terminados em sílaba travada por lateral (exemplo em 15).

- (14) *Ander* (de *Santander*)
Artur
Bondoudar
Vitor

- (15) *Marçal*

Embora, na sua grande maioria, os antropônimos mapeados nas CSM estejam já adaptados à fonologia do PA, puderam ser encontrados alguns nomes de pessoas cujo padrão não se encaixa na fonologia da língua da época. Nesse caso, encontram-se nomes, em (16), cuja estrutura silábica apresenta consoantes oclusivas na coda — padrão já inaceitável no português medieval, mas que é semelhante ao dos nomes estrangeiros que ocorrem atualmente no PB, citados em (7).

- (16) *Elisabet*
Octavian

Puderam ser também mapeados no *corpus* nomes não-adaptados quanto à posição do acento. O padrão *default* de acentuação do PA, a exemplo do que ocorre até os dias de hoje no PB, corresponde a paroxítonas terminadas em sílaba leve (*amíga, cása*) ou oxítonas terminadas em sílaba pesada, isto é, sílabas travadas por róticas, laterais, fricativas, nasais (realizadas foneticamente como sílabas abertas com vogais nasalizadas) (*amór, anél, soláz, sazón*). Padrões excepcionais (como oxítonas terminadas em sílabas abertas ou proparoxítonas ou paroxítonas terminadas em sílaba pesada) são extremamente raros nessa época do contínuo temporal da língua.⁸ Entretanto, em (17), encontram-se antropônimos paroxítonos terminados em sílaba travada, localizados no *corpus*.

⁸ A respeito dos padrões acentuais do PA, vejam-se Massini-Cagliari (1999, 2005) e Costa (2006).

- (17) *Alcáçar*
Jaymes
Lucas
Marcos

Também foram localizados nomes oxítonos terminados em sílaba aberta, padrão extremamente raro naquela época, encontrado apenas em alguns advérbios (exemplos: *aqui, ali*, cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999) e substantivos (*rubi*, cf. COSTA, 2006).

- (18) *Alcalá*
Aleixi
Salomé

Conclusão

Pelo que se pode depreender do pequeno recorte de material analisado neste artigo, pode-se ver que o estudo de nomes próprios constitui-se em um domínio bastante promissor, em termos da investigação da identidade fonológica de nossa língua, em uma perspectiva diacrônica ou comparativa de épocas diferentes. Especificamente com relação aos nomes analisados neste trabalho, percebe-se que havia um grau muito mais acentuado de adaptação de antropônimos estrangeiros na época do PA do que ocorre hoje, no PB. Apesar de o *corpus* analisado ser de certa forma diminuto, algumas hipóteses explicativas para este fenômeno (que merecerão investigação futura, a partir de *corpora* mais amplos e tratamentos quantitativos) podem já ser esboçadas.

A primeira delas diz respeito aos textos analisados como fonte do PA. Embora sejam ambas as dimensões da lírica medieval galego-portuguesa escritas nessa língua e em uma linguagem poética que pode ser classificada como palaciana, correspondendo a uma modalidade de língua restrita à corte e aos usos a que esta camada social estava acostumada,⁹ há uma certa distância geográfica e de função entre essas duas vertentes poéticas. Enquanto que, na lírica profana, proveniente de Portugal e Galiza, a língua poética corresponde a um uso artístico da língua nativa da população, nas cantigas religiosas, o galego-português é usado como língua de cultura em um país estrangeiro, Castela, a mando do Rei, para poder melhor louvar a Virgem, na língua mais apropriada para esta finalidade. Trata-se, portanto, de uma especialização de uso, em território alienígena. A razão que teria levado Afonso X a adotar uma língua estrangeira ao invés de sua língua materna, o castelhano, na principal obra poética que organizou, transcende, segundo Leão (2002, p. 2), os domínios ibéricos, sendo um fenômeno geral na Europa:

Parece que o motivo não estaria nem numa excentricidade do Artista, nem numa leviandade política do Monarca, mas no fascínio exercido por uma língua que se afirmava como apta, ou até como ideal, para a poesia. Aliás, esse fato não era único na Europa Medieval, onde três línguas vernáculas gozavam da preferência dos poetas: o galego-português, no

⁹ Katz e Keller (1987, p. 2) referem-se a essa modalidade do galego-português como “a specialized and artificially erudite form of that particular language”. Filgueira Valverde (1985, p. XXXIX), porém, considera que “La lengua de los trovadores no era algo artificial, sino un producto artístico, sincero, inspirado muy cerca en el gallego vulgar, que hoy perdura con muchas características de aquélla, inmediata en las Cantigas a la lengua hablada”.

mundo ibero-românico; o provençal no domínio galo-românico; e o toscano no âmbito ítalo-românico. O seu prestígio era tão amplamente reconhecido, que muitos trovadores, no ato de trovar, deixavam de lado as suas respectivas línguas maternas e adotavam uma das três grandes línguas poéticas de então. Foi o que ocorreu com D. Afonso X. Compôs suas próprias cantigas e dirigiu ou supervisionou a composição de outras pelos seus colaboradores, utilizando o galego-português.

No entanto, alguns estudiosos levantam a possibilidade de que Afonso X teria sido falante nativo de galego-português. Filgueira Valverde (1985, p. XI) considera essa não uma possibilidade, mas uma certeza: “Seguramente pasó parte de su infancia en Galicia, donde tenía posiciones su ayo García Fernández de Villaldemiro, casado con una dama de estirpe gallega, doña Mayor Arias”. Esse autor (FILGUEIRA VALVERDE, 1985, p. XIV) dá a extensão dessa estadia de Afonso X na Galiza durante a infância: de 1223 a 1231 – não-desprezíveis nove anos, bem na fase de aquisição da língua materna (dos dois aos onze anos). Por outro lado, Leão (2002, p. 3) considera que indubitavelmente Afonso X também “tem como língua materna o castelhano, o que torna inevitáveis as interferências dessa língua no galego-português do texto, principalmente se a Cantiga é da lavra do próprio Rei”.

Diante desses fatos, pode-se hipotetizar que os padrões irregulares de adaptação de nomes próprios de pessoa encontrados nas CSM, embora não se enquadrem na fonologia do PA, enquadram-se nos padrões do castelhano, o que revelaria a influência dessa língua sobre o galego-português empregado nas cantigas medievais religiosas. É o que acontece, por exemplo, aos nomes em que ocorrem consoantes oclusivas em posição de coda, tais como os citados em (16), e os nomes oxítonos terminados em sílaba aberta, como os citados em (18).

Caso essa hipótese seja confirmada, seriam ainda menores os índices de não-adaptação fonológica dos antropônimos estrangeiros nesse período específico do contínuo temporal do português, sobretudo se comparados aos índices atuais do PB (que já se opõem aos da variedade europeia – cf. MASSINI-CAGLIARI 2009a, 2009b).

Uma segunda hipótese baseia-se na ideia de multiculturalismo, tal como esboçada por Castro (2003), ao comparar a utilização de nomes próprios estrangeiros, no PB e no Português Europeu:

uma sociedade multicultural, como a nossa [portuguesa] começa a ser, e como a brasileira nunca deixou de ser, pode acolher estrangeirismos sem os reduzir às formas da língua dominante. [...] Talvez esteja aqui, neste aspecto da defesa face ao exterior, que se encontre uma das maiores clivagens entre a mentalidade portuguesa e a brasileira. (p. 21)

A investigação da hipótese acima, com relação ao PA, necessita de uma averiguação paralela da atitude dos falantes da época perante a alteridade do estrangeiro. Não se pode esquecer que Afonso X, bem como seus parentes portugueses (entre os quais D. Dinis), foi um grande mecenas, e à sua corte acorriam trovadores de várias localidades europeias, falantes não-nativos de galego-português, mas poetas nessa língua.

Enfim, diante do que foi exposto, foi possível concluir que os índices de adaptação de nomes de origem estrangeira no PA eram mais altos do que no PB atual, e esboçar duas hipóteses explicativas, merecedoras de um estudo futuro mais aprofundado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO X O SABIO. *Cantigas de Santa María*: edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.

ANGLÉS, H. *La Música de las Cantigas de Santa María del Rey Alfonso el Sabio*. – Facsímil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona; Biblioteca Central; Publicaciones de la Sección de Música, 1943. Volume II – Transcripción Musical.

ASSIS, A. B. G. *Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do Inglês por falantes de Português Brasileiro*. 2007. Dissertação. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *DELTA*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

CALAÇA, I. Z. P. Nomes próprios estrangeiros no português brasileiro. *Jornal A Página*, n. 108, ano 10, p. 31, dez. 2001. Disponível em: <<http://apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1644>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CASTRO, I. O linguista e a fixação da forma. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, XVIII, Porto, 2002. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2003. p. 11-24.

COSTA, D. S. *Estudo do acento lexical em Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

ECO, U. *O pêndulo de Foucault*. 2. ed. São Paulo: Record, 1989.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María*: Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

FREITAS, M. A. Empréstimos, teoria auto-segmental e abertura vocálica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 23, p. 71-81, 1992.

_____; NEIVA, A. M. S. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (ReVEL)*. Ano 4, n. 7, ago. 2006. Disponível em: <<http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/>>. Acesso em: 30 jan. 2007. p. 1-27.

FREITAS, T.; RAMILO, M. C.; SOALHEIRO, E. Processo de integração dos estrangeirismos no português europeu. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, XVIII, Lisboa, Portugal, 2003. *Actas...* Disponível em: <<http://www.iltel.pt/pdf/wpapers/2003-redip-estrangeirismos.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2007. [Não paginado].

KATZ, I. J.; KELLER, J. E. Introduction. In: _____ (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 1-5.

LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Ensaio*. Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2005.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

_____. *A música da fala dos trovadores: Estudos de prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Livre Docência em Fonologia) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.

_____. Loans and foreign first names as clues to phonological identity in Brazilian Portuguese. Comunicação apresentada em: INTERFACES IN LANGUAGE 2. Challenging orthodoxies in Linguistics. Canterbury: University of Kent, Centre for language and Linguistic Studies, 2009a.

_____. Discutindo questões de identidade a partir da (não) adaptação fonológica de nomes próprios de origem estrangeira no Brasil. Comunicação apresentada no Simpósio: As interfaces da Gramática. II SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA – SIMELP. Évora, Portugal: Universidade de Évora, 2009b.

MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989.

_____. *O Português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

MELO, G. C. *Iniciação à filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV: Glossário.

_____. (Ed.). *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.

OBATA, R. *O livro dos nomes*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

ORLANDI, E. P. *Terra à vista, discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1990.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.